



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DOMÉSTICAS
BACHARELADO EM ECONOMIA DOMÉSTICA

IRMA VIEIRA DE SOUSA NÓBREGA

**UNIFORMES LABORAIS SOB A ÓTICA DOS/AS FUNCIONÁRIOS/AS DE UMA
UNIDADE DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO**

**Recife
2018**

IRMA VIEIRA DE SOUSA NÓBREGA

**UNIFORMES LABORAIS SOB A ÓTICA DOS/AS FUNCIONÁRIOS/AS DE UMA
UNIDADE DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Economia Doméstica, no Departamento de Ciências Domésticas da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Orientadora: Profa. Msc. Jaqueline Ferreira Holanda de Melo

**Recife
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

N754u Nóbrega, Irma Vieira de Sousa.

Uniformes laborais sob a ótica dos/as funcionários/as de uma unidade de alimentação e nutrição / Irma Vieira de Sousa Nóbrega. - Recife, 2018.

47 f.: il.

Orientador(a): Jaqueline Ferreira Holanda de Melo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Ciências Domésticas, Recife, BR-PE, 2018.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Uniforme 2. Restaurante 3. Satisfação no trabalho I. Melo, Jaqueline Ferreira Holanda de, orient. II. Título

CDD 640

IRMA VIEIRA DE SOUSA NÓBREGA

**UNIFORMES LABORAIS SOB A ÓTICA DOS/AS FUNCIONÁRIOS/AS
DE UMA UNIDADE DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Economia Doméstica, no Departamento de Ciências Domésticas da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Msc. Jaqueline Ferreira Holanda de Melo
UFRPE

Prof. Dra. Etienne Amorim Albino da Silva
UFRPE

Profa. Msc. Nathilucy da Silva Marinho
Centro Universitário UniFBV/Wyden

Bel. Jessika Isabelle da Silva Gomes
UFRPE

Recife

2018

Aos meus pais, Manuel (in memoriam) e Teresa, pelos ensinamentos dos valores morais, e principalmente como exemplo de dedicação, trabalho e amor.

Aos meus irmãos e irmãs, pela convivência e estímulo.

Ao meu esposo Unhandeijara, e aos meus filhos Diogo e Yasmin, por entenderem o quanto é importante a conquista.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, pela minha existência e trazer luz aos meus dias, me acompanhando nessa jornada.

Aos meus pais, por todos os ensinamentos que me proporcionaram, me tornando a pessoa que sou.

Ao meu esposo Unhandeijara, pelo companheirismo e cumplicidade.

Ao meu filho Diogo e à minha filha Yasmin, pelo o carinho, apoio incondicional e compreensão nos momentos ausentes.

Às amigas Andrielle Barbosa, Luciana Messias e Sara França, que permaneceram comigo desde o início da graduação, pela parceria e cumplicidade nessa trajetória

Aos/às amigos/as de curso, Elisandra Lima, Vanessa Mesquita, Stella Michelle, Stephanie Raphaele e Williams Rodrigues por compartilharem momentos de companheirismo.

Às professoras do departamento do curso que contribuíram para minha formação; principalmente as quais fui monitora: Ângela Miguel, Etienne Amorim, Lívia Valença e Maria Alice pela oportunidade de vivenciar a Iniciação à Docência.

À minha orientadora Jaqueline Ferreira, pela dedicação, incentivo, carinho e paciência ao longo dessa construção.

À professora Maria Alice, pelo apoio, motivação e pelo acervo bibliográfico disponibilizado, que tanto me auxiliou.

Às funcionárias Sônia Andrade e Rosemary Barros pela disposição e o carinho em ajudar.

À Universidade Federal Rural de Pernambuco, por proporcionar a minha formação acadêmica.

Ao melhor Restaurante Universitário (R.U.) do Brasil e sua equipe de funcionários/as que colaboraram para a produção da pesquisa.

*“O excesso de luz cega a vista.
O excesso de som ensurdece o ouvido.
Condimentos em demais estragam o gosto.
O ímpeto das paixões perturba o coração.
A cobiça do impossível destrói a ética.
Por isto, o sábio em sua alma
Determina a medida para cada coisa.
Todas as coisas visíveis lhe são apenas
Setas que apontam para o Invisível.”
Lao-Tsé*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral investigar as compreensões dos/as funcionários/as sobre os uniformes da Unidade de Alimentação e Nutrição em que trabalham. Para captação dos dados foram executadas entrevistas com 23 funcionários/as do restaurante universitário da UFRPE, das quais suas respostas foram analisadas predominantemente seguindo um caráter qualitativo. Ademais, esta pesquisa também se fundamenta por meio de observações feitas pela pesquisadora, quanto aos uniformes dos/as funcionários/as na realização das suas atividades laborais, que são diversificadas e intensas, de modo que exigem grande mobilidade corporal, e ocasionam a exposição destas pessoas a variadas temperaturas, utensílios e equipamentos. Neste contexto, o uso adequado de uniformes, deve contemplar fatores ligados ao conforto, de modo a contribuir para um maior desempenho e rendimento das operações de trabalho e bem-estar das pessoas envolvidas. Os/as entrevistados/as mostraram-se satisfeitos/as quanto ao uso do uniforme, no entanto, sinalizaram melhorias como: a troca do cordão que sustenta a calça na altura da cintura por elásticos; o tipo de bota específica a cada função; aventais e luvas individuais proporcionais às atividades e estrutura anatômica. Portanto, é válido considerar que, o/a profissional em Economia Doméstica pode contribuir para o planejamento e proposições de melhorias no uniforme laboral, no intuito de promover confortabilidade, bem-estar e satisfação, de modo a incidir positivamente no rendimento do trabalho e na qualidade de vida dos/as colaboradores/as de uma empresa, por meio do vestuário.

Palavras-chave: Uniforme de trabalho; Restaurante; Satisfação.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição dos/as profissionais citados/as	24
Quadro 2 – Descrição dos uniformes de algumas funções.	27
Quadro 3 – Significado de uniforme para os/as entrevistados/as	28
Quadro 4 – Tempo diário que o/a funcionário/a fica uniformizado/a	29
Quadro 5 – Troca de uniforme ao longo do dia	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIT	Associação Brasileira de Indústria Têxtil e de Confecção
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANVISA	Agência Nacional da Vigilância Sanitária
CA	Certificado de Aprovação
EPI	Equipamento Proteção Individual
ESO	Estágio Supervisionado Obrigatório
MG	Minas Gerais
MTE	Ministério do Trabalho
NR	Norma Regulamentadora
PROGESTI	Pró-reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão
RDC	Resolução da Diretoria Colegiada
RU	Restaurante Universitário
SIT	Secretaria de Inspeção do Trabalho
UAN	Unidade de Alimentação e Nutrição
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1	Vestuário e uniforme	13
2.1.1	Equipamentos de Proteção Individual	16
2.2	Tipos de tecidos	17
2.3	Ergonomia e Conforto em Uniformes Laborais	19
2.4	Unidade de Alimentação e Nutrição	21
3	METODOLOGIA	23
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS	37
	APÊNDICE A – SOLICITAÇÃO DE ACESSO	40
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLA- RECIDO	41
	APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA . . .	42
	APÊNDICE D – UNIFORMES POR FUNÇÃO	43

1 INTRODUÇÃO

O uniforme¹ desperta olhares diversos e significações como igualdade, prestígio, *status*, comunicação, hierarquia, trabalho e até mesmo indiferença, dependendo de como uma cultura concebe determinada função exercida. Quando uma pessoa se encontra uniformizada, é possível identificar qual estabelecimento ou instituição a que pertence, estabelecendo um processo de comunicação visual.

No caso de algumas profissões, como na área militar, algumas pessoas podem ter uma sensação de proteção, como diante de uma catástrofe as forças armadas são acionadas; para outras tal uniforme pode conotar receio, de estar em alguma atmosfera que represente perigo ou arbitrariedade. Quando se trata de trabalhos mal remunerados e estigmatizados, como garis ou serviços gerais, o uniforme pode ser o sinônimo de invisibilidade e trazer em si marcas sociais que remetem a desprezo e indiferença.

O vestuário laboral também é uma via para diferenciação entre pessoas comuns e uma equipe de funcionários/as de uma empresa, exemplificado em uma Unidade de Alimentação e Nutrição (UAN), onde os/as trabalhadores/as diferenciam-se dos comensais por meio do uniforme.

Ao adentrar em qualquer restaurante, é possível observar as variadas funções que ocorrem naquele ambiente, e o cargo em que estão os/as trabalhadores/as que as executam. As atividades laborais de uma UAN são diversificadas e intensas, e consistem numa grande mobilidade corporal, bem como à exposição a variadas temperaturas e diversos utensílios. Nesta perspectiva, é válido pensar que os uniformes utilizados por tais profissionais estejam adequados às suas tarefas laborais contemplando conforto, bem-estar e satisfação de modo a contribuir para um maior desempenho e rendimento destas, dentro do ambiente de trabalho.

Neste sentido, observa-se que as empresas de uma maneira geral estão cada vez mais aderindo ao uso de uniformes para seus profissionais. De acordo com a Associação Brasileira de Indústrias Têxteis (ABIT, 2017), foram produzidos no Brasil 273 milhões de peças de uniforme em 2014, avançando 5,2 % em volumes no ano de 2017. Com foco neste mercado, em 2017, a empresa Cedro Têxtil lançou a linha “Extensive Flex”, uma tecnologia aplicada ao tecido que proporciona mais conforto e flexibilidade de movimentos (ABIT, 2017); contribuindo assim, para o aumento dos níveis de confortabilidade das roupas laborais.

Tal panorama suscita que pesquisas quanto ao vestuário laboral sejam continu-

¹ Uniforme: a mesma forma ou aspecto que outros do mesmo tipo; que não varia em forma, intensidade, etc. Traje comum à uma categoria; farda (HOUAISS, Antônio. Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010 p. 783).

amente executadas. Somado a isto, a própria trajetória da pesquisadora do presente trabalho, instigou a realização de tal pesquisa. A participação no programa de monitoria, por exemplo, na área de Arte, Habitação e Vestuário, no curso de Bacharelado em Economia Doméstica², possibilitou a oportunidade de um maior envolvimento seu com a temática em questão. Ademais, na disciplina “Vestuário, Cultura e Moda” do referido curso, o tema “uniforme” é abordado, dentre os diversos tipos de vestimentas, bem como o seu surgimento; enquanto outras disciplinas como “Tecnologia Têxtil” permite o estudo sobre sua matéria-prima; “Estrutura do Vestuário e Modelagem”, possibilita reflexões sobre o caimento e a vestibilidade; e a disciplina “Unidade de Alimentação e Nutrição”, que tem em seu conteúdo disposições sobre uniformes voltados para o setor de alimentação.

Como complemento, a realização do Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO), no período de Novembro/2017 à Fevereiro/2018 no Laboratório de Design do Departamento de Ciências Domésticas da UFRPE se caracterizou como importante aliado na construção deste trabalho. Em meio às atividades desenvolvidas nesse espaço de tempo, foi proposto a pesquisa e transcrição de dados relativos à temática referente ao vestuário laboral.

O Restaurante Universitário foi icônico para o prosseguimento das atividades da pesquisadora ao longo da graduação, diante da necessidade de sua frequência na universidade, em momentos de refeições. Então, como comensal e frequentadora do restaurante, chamou à atenção o uniforme dos/as funcionários/as do estabelecimento, que tornou-se objeto de curiosidade e observação diária, diante de tantas funções que realizam com eficácia. Desta forma, surgiu a seguinte **pergunta de pesquisa**: “Quais as compreensões dos/as funcionários/as quanto ao uniforme da UAN que trabalham?”

Assim, o trabalho em questão apresenta o que se pretendeu, via realização de pesquisa, por **objetivo geral**: Investigar as compreensões dos/as funcionários/as sobre os uniformes da UAN em que trabalham. E por **objetivos específicos**: a. Observar as atividades dos/as funcionários/as e seus respectivos uniformes; b. Verificar a satisfação dos/as profissionais relacionada aos seus uniformes; c. Compreender a representabilidade do uniforme para o/a trabalhador/a; d. Contribuir com melhorias em caso de insatisfação relacionado ao uniforme.

² Economia Doméstica contempla três áreas de conhecimento: Arte, Habitação e Vestuário, Desenvolvimento Humano e Alimentos, Nutrição e Saúde. (UFRPE, 2018)

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta parte do trabalho, serão apresentadas as discussões que orientaram o desenvolvimento da pesquisa: “Vestuário e Uniforme”, vinculada à explanação sobre “Equipamento de Proteção Individual” (EPI); “Tipos de tecido”; “Ergonomia e Conforto”; bem como definições sobre “Unidade de Alimentação e Nutrição”.

2.1 Vestuário e uniforme

O reconhecimento facial requer uma certa aproximação, no entanto as roupas podem ser distinguidas mesmo distante. É através das vestimentas que há o reconhecimento de alguém conhecido; no caso de um desconhecido, as roupas dizem imediatamente informações sobre o seu gênero, ocupação, nacionalidade e posição social, tendo capacidade de se fazer um ajuste preliminar de comportamento em relação ao outro (FLÜGEL, 1966).

Para Eco (1989, p. 7), “o vestuário é comunicação”. Concordando, Martins (2005) define o vestir como algo oculto direcionado ao mundo aparente constituído por processos que começam a partir das variações do corpo até as variações fisionômicas incluindo uma comunicação não-verbal, implementando uma linguagem estruturada.

Segundo Carvalho (2015), a estrutura física humana acomoda um conjunto de memórias, sensações e articulações proporcionada pelo vestir. Sendo que, a qualidade estética dos produtos que constituem este vestir, pode interferir no processo de articulação, de modo que possa acolher, abrigar, facilitar ou dificultar sua condição de função no ambiente em que vive. Assim, o vestuário deve conter características que contribuam para o conforto e bem-estar do/a usuário/a.

A intervenção na superfície corpórea desvela um “vestir” com significados subjetivos, e também elabora uma presença que exterioriza distintas possibilidades estéticas. O corpo é um território totalmente ocupado pelo significado do vestir, e nas articulações espaciais acumula uma infinidade de vivências e situações ao enfrentar o espaço (Carvalho, 2015, p. 97).

Ou seja, o corpo e o vestir estão interligados entre si, sendo difícil a sua desvinculação. Por isso, as vestimentas laborais, que são o foco deste trabalho, consistem na adequação dos movimentos corporais, na probabilidade de comunicar e alcançar o conforto.

As variedades mátericas oferecem com a estruturação: conforto ou desconforto; durabilidade ou efemeridade; maciez ou dureza. Cada um desses aspectos apresenta um universo de sensações e comportamentos que estão impregnados nas estruturas vestíveis, que podem direcionar com a experiência, o questionamento do vestir (Carvalho, 2015, p.105).

Desta forma, o vestuário carrega em sua composição uma diversidade de sensações relacionadas à usabilidade causando hesitação na escolha do traje, que propõe alternativas relacionadas às positivities do produto vestível. Direcionando para os inúmeros motivos pelos quais os seres humanos utilizam vestimentas.

De acordo com Lurie (1997), é provável que as primeiras vestimentas de caráter utilitário tenham sido provisórias. Homens e mulheres se utilizavam de uma diversidade de materiais tanto de origem animal, quanto de origem vegetal para produção da sua indumentária a fim de se protegerem dos fatores extremos do clima. Sendo que, posteriormente, ao longo dos séculos, a utilidade das vestimentas se amplia no âmbito de outras necessidades e significados.

É importante mencionar, por exemplo, as vestimentas militares. O hábito de uniformes para soldados, embora já recorrente desde a Antiguidade, apenas surgiu de fato no século XVII, que diante de algumas transformações sociais fundamentaram a uniformização das instituições educacionais e profissionais, no intuito da diferenciação de pessoas pertencentes a estes grupos específicos de pessoas comuns (SIMILI; VACCARI, 2017).

Farias (2012) discorre sobre o uso de uniformes iguais para todos/as dentro de uma empresa:

Embora a uniformização homogênea seja justificada como forma de “nivelar” os trabalhadores, torná-los “iguais”, “sem distinção ou discriminação”, as diferenças podem ser expressas em múltiplas formas, como no salário, nas condições de trabalho e nas relações humanas. Afinal, mesmo quando o vestuário é simples, as menores diferenças no traje, na postura e na aparência marcam as distinções entre indivíduos (FARIAS, 2012 p. 20).

As roupas de trabalho dos/as funcionários/as de um estabelecimento, podem ser compreendidas neste sentido, pois são diferenciadas de acordo com o posto de trabalho, sendo apropriadas para cada função que se ocupa. Lurie (1997) ressalta que o uniforme, diferente de grande parte do vestuário civil, é consideravelmente simbólico pois, identifica quem o veste como participante de algum grupo determinado, situando-o em uma hierarquia e muitas vezes fornecendo informações sobre suas atividades e realizações.

Assim, pode-se compreender o uso de uniformes na área de prestação de serviços, como em Unidades de Alimentação e Nutrição, por exemplo, que além de diferenciar os/as trabalhadores/as dos comensais colabora para identificar a atividade que desempenham em cada ambiente do estabelecimento.

O Ministério do Trabalho e Emprego (2012) denomina uniforme como qualquer unidade ou conjunto de peças do vestuário com o propósito de padronização visual cujo uso é exigido pelo empregador, onde não é considerado EPI (Equipamento de Proteção

Individual) nem vestimenta de trabalho. Já a vestimenta de trabalho caracteriza-se como unidade do vestuário proposta à atividades específicas exigidas ou determinadas situações de trabalho, não sendo uniforme e nem EPI (BRASIL, MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2012).

Para Nascimento Neto (2005), uma utilização precisa e apropriada dos uniformes garante que um manipulador de alimentos, que complementa a equipe de trabalho de um estabelecimento gastronômico, seja um funcionário bem apresentável. E ainda, a uniformização deve incluir todos os funcionários, de acordo com as normas da empresa. Onde as condutas a seguir precisam ser obedecidas (NASCIMENTO NETO, 2005, p. 85-86) :

- Usar preferencialmente uniforme de cor clara;
- Conservar o vestuário em bom estado, sem rasgos, manchas, partes descosturadas ou furos;
- Manter os uniformes limpos, bem passados e trocados diariamente;
- Adotar o uso de avental plástico quando o trabalho em execução propiciar que os uniformes se sujem ou se molhem rapidamente, exceto nas áreas de cocção;
- Não utilizar panos ou sacos plásticos para a proteção do uniforme;
- Garantir que o uniforme seja usado apenas nas dependências internas do serviço;
- Adotar o uso de meias próprias, limpas e trocadas diariamente;
- Manter os cabelos totalmente cobertos pelo uso do protetor de cabelos;
- Não utilizar grampos para fixação de redes, toucas ou gorros;
- Não permitir que qualquer peça do uniforme seja lavada dentro da cozinha;
- Não permitir que o uniforme apresente bolsos, para evitar que objetos sejam carregados pelos manipuladores e para facilitar a higienização do próprio uniforme;
- Impedir que os funcionários uniformizados se sentem ou se deitem no chão, bem como sobre sacarias, caixotes ou outros locais impróprios.
- Certificar-se de que o uniforme básico consta de proteção de cabelos, camisa e calça de cor clara e sapatos fechados, preferencialmente brancos.

De acordo com a RDC 216/2004 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, os uniformes dos manipuladores de alimentos, que estão inseridos no quadro de trabalho de uma UAN, devem ser adequados ao tipo de atividade exercida, estarem em bom estado de conservação, permanecerem sempre limpos, e ainda recomenda que a troca seja diária e utilizados apenas no ambiente interno do estabelecimento (ANVISA, 2004).

Antecedendo a utilização do uniforme pelos/as funcionários/as, a empresa precisa definir o tipo de vestuário laboral de acordo com as funções exercidas, o ambiente de trabalho, o conforto, o gênero e o tipo físico de cada trabalhador/a. Levando

em consideração as normas técnicas e regulamentadoras, ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) e da própria empresa (EL SARRAF, 2004).

Para El Sarraf (2004), a classe empresarial do Brasil gradativamente começa a compreender a indispensável utilização de uniformes dos/as colaboradores/as como forma prática, confortável, segura e também de divulgação da marca. Como ponto de atenção dos empresários, o uniforme profissional, começou a ser melhor observado a partir da chegada das multinacionais e, que antes isso era restrito apenas à área industrial, mas, com o passar dos tempos se estendeu para os trabalhos administrativos.

O autor ainda afirma que:

Ao optar pela uniformização deve-se levar em consideração que ao levantar pela manhã e abrir o guarda roupa, o indivíduo espera tirar dali um traje que, como qualquer outro que escolheria, contribua para lhe proporcionar um dia agradável de trabalho, proporcionando conforto, bem-estar, satisfação pessoal e segurança no desempenho de suas atividades profissionais (EL SARRAF, 2004, p.76).

Portanto, o uniforme convém abrigar um conjunto de atributos favoráveis à facilitação das obrigações diárias dos/as trabalhadores/as, além de promover um bem-estar corporal e segurança. Sendo que, para a otimização desses critérios faz-se necessário também a utilização correta dos EPIs (Equipamentos de Proteção Individual), adequados a cada função desenvolvida internamente nas instituições de trabalho, que também possuem características similares às dos uniformes.

2.1.1 Equipamentos de Proteção Individual

Aliados aos uniformes, os Equipamentos de Proteção Individual podem garantir a aos trabalhadores/as a isenção de possíveis riscos na realização de suas funções.

Entende-se como EPI o equipamento que possua Certificado de Aprovação (CA) aprovado pelo MTE, de uso pessoal e intransferível, e que tenha por finalidade proteger ou atenuar lesões provenientes dos agentes no ambiente de trabalho (MORAES, 2007, 205).

De acordo com Camisassa (2015), que discorre sobre a NR 6³ em seu livro “Segurança e saúde no trabalho: NRs 1 a 36 comentadas e descomplicadas”, caracteriza-se como Equipamento de Proteção Individual todo item que objetiva-se resguardar o/a trabalhador/a, individualmente, isentando-o de danos que possam prejudicar sua segurança, saúde e integridade física no exercício de suas funções laborais. Já o

³ A NR6 trata dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI) e estabelece as condições sob as quais esses equipamentos deverão ser fornecidos pelas empresas, bem como as responsabilidades dos empregados, do empregador, do fabricante nacional, do importador e as atribuições do Ministério do Trabalho e Emprego.

Equipamento Conjugado de Proteção Individual, é compreendido como um conjunto de vários produtos associados pelo fabricante a fim de evitar riscos simultâneos que possam afetar a saúde e a segurança do/a profissional no trabalho. Porém, a utilização desses equipamentos só se faz necessário quando as medidas de proteção coletivas não forem capazes de extinguir ou minimizar os possíveis perigos do ambiente de trabalho.

A proteção coletiva confere uma função de proteção que independe do querer do/a profissional, sendo prioridade sua implantação. No entanto, o uso do EPI depende do comportamento do/a trabalhador/a e suas ações, onde muitas vezes não ocorre por iniciativa própria. Por tal motivo, a supervisão, a realização de campanhas de conscientização e treinamentos contínuos pelo empregador são importantes e obrigatórias (CAMISASSA, 2015).

Além da proteção, é preciso obter um conhecimento prévio dos materiais indicados na confecção do uniforme laboral, que vai de encontro com os tipos de funções exercidas e o ambiente de trabalho. Nesse sentido, convém discorrer um pouco sobre os tipos de tecidos utilizados nos uniformes profissionais de uma Unidade de Alimentação e Nutrição.

2.2 Tipos de tecidos

Na confecção dos uniformes dos/as funcionários/as de uma Unidade de Alimentação e Nutrição, é primordial saber quais tecidos poderão ser usados, pois as atividades são diferentes, e estes deverão ser escolhidos relacionados com as funções no estabelecimento. Neste trabalho, as fibras abordadas serão o algodão e o poliéster, tendo em vista que são mais utilizadas para confecção de uniformes.

Segundo Daniel (2011), a matéria-prima pela qual os tecidos são produzidos é a fibra têxtil. Estas fibras passam por um processo físico de fiação, onde são transformadas em fios, que se diferenciam entre si e que dependendo do seu comprimento, podem ser longas ou contínuas. Assim, por meio do filatório, os fios dão origem aos tecidos.

A autora ainda ressalta que as fibras que compõem os tecidos são classificadas como naturais, provenientes de vegetais, animais e minerais; e químicas, consideradas artificiais, as obtidas com matéria-prima natural de diversos tipos e sintéticas, as derivadas do petróleo (DANIEL, 2011).

De acordo com Pezzolo (2007), o algodão é uma das fibras mais antigas cultivadas pelos seres humanos, e apesar do tempo continua sendo a fibra têxtil mais importante em todo o mundo, devido às suas qualidades naturais que proporcionam conforto, maciez e durabilidade. Ainda, caracteriza-se por sua versatilidade em combinar com uma diversidade de outras fibras, inclusive as sintéticas. “Por todo o seu

passado e por sua importância no ramo têxtil atual, podemos dizer com segurança que o algodão é a fibra que veste o mundo” (PEZZOLO, 2007, p. 26) .

Para Udale (2009), as fibras de algodão são matérias primas utilizadas na fabricação de 40% dos tecidos do mundo. Pois além de serem duráveis ainda possuem propriedades que permitem que a pele respire, absorvendo e secando rapidamente. A autora ainda afirma que, “quanto mais longa a fibra, mais forte e maior a qualidade do tecido” (UDALE, 2009, p. 3).

Já o poliéster é considerado uma fibra resistente e muito utilizada, normalmente encontrada em misturas para reduzir o aspecto amassado do tecido, proporcionando um toque macio e adicionando propriedades drip-dry (secar sem enrugar). O poliéster é fabricado a partir de substâncias químicas extraídas do petróleo bruto ou gás natural por meio de recursos não-renováveis (PEZZOLO, 2007). Assim, um pouco de conhecimento dessas fibras é fundamental, pois as mesmas podem estar presentes na composição dos tecidos utilizados na fabricação dos uniformes profissionais, especialmente de uma UAN.

O desempenho e a aparência do tecido dependem do modo como o fio é fabricado. Podem ser aplicados acabamentos e tratamentos em qualquer estágio da produção do tecido, seja na fibra, fio, tecido ou até mesmo na roupa finalizada. Também, podem ser adicionadas características relacionadas à cor, à textura e ao desempenho. Com isso, o modo como o tecido é fabricado lhe constitui características próprias (UDALE, 2009).

Pezzolo (2007) afirma que o nascimento dos primeiros tecidos surgiu da manipulação das fibras com os dedos, iniciando assim a arte da cestaria pelo ser humano, evoluindo para o surgimento destes produtos. Com a descoberta de novas maneiras de entrelaçamento foram criados novos desenhos e a descoberta de novas texturas. A diferença entre os cestos e os produtos têxteis, além de ser pelas técnicas, eram principalmente pela escolha dos materiais a serem tramados.

São inúmeras as diversidades de tecidos existentes. Os nomes dos tecidos, em princípio, correspondem à natureza da fibra têxtil utilizada (lã, seda, viscose, poliéster) e ao tipo de tecelagem ou ligamento (sistema de entrelaçamento dos fios de urdume e trama), que são diferenciados de acordo com o número de fios do urdume separados pela passagem do fio da trama. Três tipos de ligamentos podem ser distinguidos: tafetá, sarja e cetim; quanto ao aspecto existem quatro variedades de tecidos: liso, maquinado, jacquard e estampado (PEZZOLO, 2007).

No intuito de promover uma melhor funcionalidade ao vestuário a tecnologia caracteriza-se como forte aliado ao setor têxtil atual. Sendo que esta tecnologia pode estar presente na construção do fio, na produção dos tecidos, nos equipamentos, no

acabamento, e também no conjunto de todos esses fatores combinados (DANIEL, 2011).

Com passar dos tempos e desenvolvimento da tecnologia, a existência de tecidos com propriedades funcionais de alta performance já faz parte da realidade na fabricação de uniformes profissionais. Para Martins (2005):

Os materiais têxteis, como tecidos tecnológicos ou high-tech como também são conhecidos, apresentam propostas de usos e funções inovadoras como alternativas para produção de produtos do vestuário para o cotidiano. Como consequência direta, os novos materiais contribuem para alcançar os requisitos de conforto e mobilidade no vestuário, privilegiando também a saúde dos usuários (MARTINS, 2005 p.64).

Ainda na visão da autora, é imprescindível que a intensidade da confortabilidade proporcionado por um tecido colabore para a disseminação de propriedades específicas na elaboração de peças que satisfaçam o consumidor em geral, tendo como base a imagem, o conforto e a durabilidade (MARTINS, 2005).

Martins (2005) acredita que a produção do vestuário vindouro poderá ser constituído de alta tecnologia, tendo como fator principal um equilíbrio entre os atributos de confortabilidade e proteção. E ainda, se percebe que a assimilação de tecnologia promove o desenvolvimento e a comercialização de peças atribuídas de funcionalidade, mobilidade e conforto, oferecendo oportunidades igualitárias às empresas de modo geral.

Diante disso, uma roupa de trabalho permeada de características funcionais positivas condizentes com as atividades laborais de cada profissional integrada à ergonomia, proporciona satisfação dentro do ambiente de trabalho.

2.3 Ergonomia e Conforto em Uniformes Laborais

Uma integração entre a ergonomia e o conforto, inseridos no vestuário laboral, possibilitam a facilidade no uso destes trajes e na mobilidade do/a profissional, como, por exemplo, de uma pessoa que trabalhe em uma Unidade de Alimentação e Nutrição, quanto ao desempenho de suas atividades rotineiras.

Na visão de El-Sarraf (2004), razões éticas, econômicas e legais são recursos da ergonomia utilizados para a execução no projeto de uniformes. Sendo que, já bastava a saúde e o bem-estar das pessoas, resultante da segurança e sanidade no recinto de trabalho.

Para Lida (2005), a ergonomia é considerada um estudo da adaptação do trabalho ao ser humano, que consiste numa concepção ampla englobando além dos trabalhos feitos com máquinas e equipamentos, a relação entre a criatura humana e a atividade

produtiva, envolvendo o ambiente físico e os aspectos organizacionais. A ergonomia, abrange funções de planejamento e projeto, realizadas anteriormente ao trabalho a ser cumprido, e também de controle e avaliação, que se realizam durante e posteriormente o trabalho.

O objetivo básico da ergonomia é o estudo de diferentes fatores que influenciam no desempenho do sistema produtivo a fim de diminuir as suas consequências nocivas, como a fadiga, estresse, erros e acidentes, proporcionando segurança, satisfação e saúde aos trabalhadores (IIDA, 2005). A elaboração de um uniforme de trabalho se adequa na maioria dos fatores compreendidos nas definições sobre ergonomia.

Devido ao longo período de tempo que o/a trabalhador/a permanece usando seu vestuário laboral, é imprescindível que fatores ergonômicos, no intuito de causar conforto e bem-estar, estejam sempre presente nesta vestimenta. O uso de um uniforme adequado é de grande relevância na prevenção de males corporais.

Para Martins (2005), a usabilidade configura o campo de interação que viabiliza o uso correto dos produtos, os de vestuário em especial. Sendo o conforto a representação de um objetivo que se almeja no local em que se habita, realiza seu trabalho ou até mesmo diversão. Com isso, existirá a possibilidade de o vestuário ser uma vivência satisfatória sem que o corpo se sinta incomodado, eximindo-o dos entraves de usar a ergonomia a seu benefício, porque sem ergonomia o vestuário é um estorvo para o corpo.

A autora ainda ressalta que, além da usabilidade aliada aos princípios de ergonomia, a aparência do vestuário se configura um fator de importância para atender a satisfação do usuário, pois contribui para a facilidade e eficácia durante o procedimento de seu uso. Entretanto, estes conceitos precisam estar interligados para satisfazer o usuário nos quesitos conforto e bem-estar (MARTINS, 2005).

Segundo o dicionário Houaiss, a definição de conforto é:

s.m. **1** ato ou efeito de confortar (-se); alívio, consolo **2** aquilo que traz facilidade e bem-estar físico e emocional **3** bem-estar, comodidade (viver com c.) (HOUAISS, 2010, p. 187).

Para Slater, o conforto é definido por um “estado agradável de harmonia fisiológica, psicológica e física entre o ser humano e o ambiente” (SLATER, 1986, p. 4). Os aspectos fisiológicos correspondem ao metabolismo corporal. Os aspectos psicológicos contemplam o conforto mental e estão ligados à aparência. Os aspectos físicos remetem ao contato com o produto promovendo sensações de caráter fisiológico e psicológico. Contudo, convém haver uma interação desses aspectos na construção do produto de vestuário para que atenda as necessidades do usuário (ALENCAR, 2014).

O alcance do conforto proporcionará ao usuário a liberdade dos movimentos, posicionamento, deslocamento e pode ser conseguido com adequação da matéria prima ao estilo do modelo, com a técnica da modelagem aplicada segundo critérios ergonômicos e medidas antropométricas. O vestuário bem projetado tem um perfeito caimento sobre a forma do corpo, proporcionando a sensação de bem-estar em todos os aspectos que envolvem sua interação com o usuário (ALENCAR, 2014, p. 165)

Então, o vestuário laboral convém permear um conjunto de fatores objetivos e subjetivos que irão permitir o/a profissional alcançar o máximo de satisfação possível na usabilidade deste produto.

Como parte dos requisitos na escolha e composição de uniformes profissionais, o local de trabalho caracteriza-se como item essencial, pois as peculiaridades presentes no vestuário laboral vão de encontro com as funções desenvolvidas neste ambiente; que no caso deste trabalho refere-se ao setor de alimentação.

2.4 Unidade de Alimentação e Nutrição

É comum que as pessoas frequentem restaurantes, como ponto de encontro com famílias e amigos ou apenas para se alimentar. Mas, qual a real função e definição de um restaurante considerado como uma Unidade de Alimentação e Nutrição?

Uma Unidade de Alimentação e Nutrição (UAN) se define como um estabelecimento comercial que tem como propósito oferecer refeições que tenham equilíbrio nutricional, com bom nível de salubridade que sejam apropriadas aos/às comensais. Este ajustamento convém ocorrer além do sentido de manutenção, e/ ou recuperação da saúde do/a comensal, deve acontecer também na construção de práticas de alimentação saudáveis e na educação alimentar (PROENÇA, 1999).

Complementando, Popolim (2006) ressalta que uma UAN não abrange somente o que diz respeito à alimentação, objetiva também a satisfação do cliente em relação ao tipo de serviço oferecido, que abrange o ambiente físico, somando conveniência e condições de higiene de instalações e equipamentos existentes, bem como o contato pessoal entre trabalhadores do estabelecimento e comensais, em distintas ocasiões.

Figura 1 – Unidade de Alimentação e Nutrição



Fonte: Popolim (2006) e Proença (1999)

Nesse sentido, o Restaurante Universitário (local pesquisado) abrange todas as características que se encaixam no conceito de uma Unidade de Alimentação e Nutrição, onde seus/suas funcionários/as devidamente uniformizados/as realizam suas atividades com intensa mobilidade. Nessa perspectiva, os uniformes devem constar atributos favoráveis para facilitar a locomoção proporcionando o máximo de conforto possível.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho primeiramente utilizou-se um levantamento bibliográfico no intuito de reunir e captar conhecimentos sobre o tema abordado. O estudo foi pautado em uma pesquisa qualitativa pois, consiste em questões particulares e se preocupa com nível de realidade que não pode ser quantificado, pois corresponde a uma soma de fatos humanos compreendidos como um pouco da realidade social, na visão de Minayo (2008). Também, trata-se de uma pesquisa descritiva, que segundo Gil (2007) descreve as características de uma população específica de relações entre variáveis.

O estudo bibliográfico foi realizado durante o Estágio Supervisionado Obrigatório e sentiu-se a necessidade de desenvolver um trabalho de campo visando conferir consistência ao trabalho. Assim, foi elaborado um roteiro com 11 perguntas, abordando os aspectos de conforto, segurança e satisfação do/a funcionário/a em relação ao uniforme (Apêndice C). A pesquisa de campo foi realizada no período de abril/2018 a junho/2018 com duração de 3 meses. As entrevistas foram todas realizadas individualmente no ambiente interno de trabalho dos/as funcionários/as, ou seja, o Restaurante Universitário, no intervalo entre as refeições, com duração média de 10 minutos cada.

Os/as entrevistados/as foram selecionados/as por inclusão progressiva, segundo a disponibilidade de horário de cada um/uma e ao alcance de saturação das informações, de modo que totalizaram 23 pessoas de um grupo de 60 trabalhadores/as. Tal critério de saturação ocorre “quando as concepções, explicações e sentidos atribuídos pelo sujeito começam a ter uma regularidade de apresentação” (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2008, p. 48).

Complementando, THIRY-CHERQUES (2009, p. 21) ressalta que a amostra por saturação “designa o momento em que o acréscimo de dados e informações em uma pesquisa não altera a compreensão do fenômeno estudado”. A estrutura da pesquisa baseia-se em: observações informais, aplicação de formulários, uso de gravador de voz, análise dos resultados e registros fotográficos.

Em relação ao grupo de entrevistados/as, dos/as 23 funcionários/as, 12 são do gênero masculino e 11 do gênero feminino. A faixa etária varia entre 26 anos e 58 anos, ocupando variadas funções, tendo como uniforme base confeccionado com o mesmo tipo de tecido, diferenciando-se pelo design, cor e EPIs.

Em respeito ao Termo de Consentimento (Apêndice B), assinado pelos/as profissionais, que considera o anonimato e a ética da pesquisa, utiliza-se nomes fictícios, de alguns vegetais, devido o local de trabalho ser um restaurante. Assim, foram escolhidos codinomes apenas para os/as funcionários/as responsáveis pelas falas citadas no

presente trabalho, descritos no Quadro 1.

Quadro 1 – Descrição dos/as profissionais citados/as

Codínome	Gênero	Idade
Acelga	Feminino	33 anos
Baunilha	Feminino	39 anos
Cúrcuma	Feminino	47 anos
Endro	Masculino	58 anos
Gergelim	Masculino	35 anos
Louro	Masculino	53 anos
Malva	Feminino	42 anos
Páprica	Feminino	58 anos
Pimenta	Masculino	35 anos
Rúcula	Feminino	47 anos
Sálvia	Feminino	40 anos
Tomilho	Masculino	57 anos

Fonte: elaborado pela autora.

Por fim, os dados produzidos foram analisados por meio da técnica análise de conteúdo, a partir da transcrição dos depoimentos dos/as entrevistados/as de acordo com Minayo (2008). Contudo, os dados serão discriminados no item a seguir.

É válido ainda salientar sobre o cenário da pesquisa, que o Restaurante Universitário é uma Unidade de Alimentação e Nutrição - como parte integrante dos Programas de Assistência ao discente, desenvolvido pela PROGESTI/UFRPE⁴, e tem como proposta disponibilizar refeições a baixo custo e com qualidade à comunidade universitária da UFRPE, dispendo de cardápios de refeições em quatro categorias (trivial, vegetariano, dieta e fast-grill). O estabelecimento universitário possui 60 funcionários/as distribuídos/as em diversificadas funções, acomoda simultaneamente 482 comensais, atendendo em média 1600 pessoas no horário do almoço e 1000 pessoas no jantar (UFRPE, PROGESTI, 2018).

⁴ Pró-reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão (UFRPE, PROGESTI, 2018)

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentaremos o resultado das entrevistas realizadas com os/as funcionários/as do Restaurante Universitário sobre suas respectivas roupas de trabalho. Os resultados estão apresentadas na sequência em que o roteiro de entrevista foi elaborado e os objetivos pretendidos, com relação às atividades dos/as funcionários/as e seus respectivos uniformes; a satisfação dos/as profissionais relacionada aos seus uniformes; a representabilidade do uniforme para o/a trabalhador/a; e possibilidades de melhorias em caso de insatisfação do/a usuário/a quanto ao seu uniforme.

Para um entendimento maior sobre as roupas de trabalho dos/as funcionários/as se faz necessário o conhecimento sobre a composição do tecido, o tipo de uniforme utilizado dentro do Restaurante Universitário para cada função e suas características.

De acordo com informações repassadas pela administração do restaurante, o tecido utilizado na produção dos uniformes é o *oxford*⁵ misto. A etiqueta presente nestas roupas laborais só contém indicação de tamanho e a marca do produtor, não discrimina a composição do tecido e nem as técnicas de lavagem. Também foi repassado que todos os uniformes são confeccionados com o mesmo tipo de tecido, diferenciando-se apenas pela cor e modelo relacionados à ocupação desempenhada dentro do estabelecimento.

Desta forma, TEICHMANN (2000) discorre sobre a composição dos uniformes dos/as trabalhadores/as que compõem a equipe de cozinha de um restaurante. O jaleco ou *dólmã*⁶ deve ser confeccionado com tecido branco, sendo algodão não-inflamável ou 50% algodão e 50% poliéster, possuindo qualidades isotérmicas, não ser inflamável, ser hidrófilo, resistente e fácil de passar. A calça pode ter em sua composição, algodão não-inflamável ou 65% algodão e 35% poliéster, sem bolsos, a cintura deve ser ajustada com elástico e a abertura central fechada com velcro. Porém, o tecido do chapéu recomenda-se que seja de algodão ou 100% viscose ou pasta de celulose e o avental convém ser produzido com um tecido de algodão extraforte. Já os sapatos, podem ser de couro, com sola antiderrapante. A autora ainda ressalta, que as roupas de trabalho são específicas de cada setor e adequadas às funções a que se destinam (TEICHMANN, 2000).

Marques (2006) recomenda que uniformes laborais para os/as profissionais do setor alimentício sejam produzidos com tecidos que tenham 100% algodão em sua com-

⁵ *Oxford*: Tecido de algodão com ligamento tafetá (2X2) e com densidade idêntica de urdume e trama. Originário de Oxford, Inglaterra. Inicialmente era composto de puro algodão. Atualmente, o raíom, o acetato, e fibras sintéticas são utilizados em sua fabricação. É muito usado em camisaria. (PEZZOLO, 2007 p.295, 308).

⁶ *Dólmã*: jaleco de cozinha que protege o tronco e os braços, sendo feitos a partir de um tecido que mistura algodão e poliéster, ou de algum outro que seja resistente o bastante para suportar a rotina de trabalho. (BENEMANN, 2017)

posição, pois possibilitam a disseminação de conforto, higiene e segurança. Também indica que para funções específicas, tratamentos especiais sejam efetuados nestas vestimentas com o propósito de repelir água e algumas sujidades, bem como facilitar a limpeza.

Para trabalhadores/as auxiliares de serviços gerais e auxiliares de cozinha, há um tipo de uniforme base. Já para quem trabalha no atendimento ao público, nos balcões (rampas) de distribuição de refeições, que geralmente são mulheres, com a função denominada oficial de cozinha, o uniforme é diferenciado por gorro e avental na cor referente a alimentação servida naquela rampa. A cor amarela representa a refeição trivial, a cor vermelho caracteriza o *fast-grill*, a cor verde simboliza o vegetariano e a alimentação reservada à pessoas com restrições alimentares, a dieta. Como descrito no Quadro 2. Também, o cozinheiro auxiliar, o magarefe⁷ e o patissier⁸ (patisseiro), que compõem a equipe da cozinha, usam os mesmos modelos de uniformes, diferenciando apenas pelo avental preto e branco respectivamente.

A roupa de trabalho dos/as funcionários/as que atendem nos caixas (venda de tickets) é similar para as mulheres, no entanto para o funcionário do gênero masculino, o uniforme é composto por camisa manga curta aberta com botões e bolso, calça preta e botas preta cano curto (Apêndice D). Os uniformes dos chefs de cozinha, que são 2 funcionários que ocupam esta função, são iguais. Já o jaleco é usado pela nutricionista e alguns/mas estagiários/as. As toucas descartáveis são utilizadas (sob a touca de tecido) por todos/as os funcionários/as que circulam na área interna do restaurante próximo aos alimentos, bem como nos setores onde são acondicionados os utensílios e equipamentos que são preparados e distribuídos estes.

⁷ Magarefe: 1. açougueiro; 2. mau médico, mau cirurgião (Houaiss, 2010 p. 494).

⁸ *Patissier*: espécie de chefe de cozinha responsável pela execução de sobremesas e massas (TEICHMANN, 2000).

Quadro 2 – Descrição dos uniformes de algumas funções.

Nutricionista	Serviços gerais	Cozinheiro	Chef de cozinha	Recepcionista	Oficial de cozinha
Jaleco branco, mangas compridas	Camisa branca fechada, manga curta com bolso	Camisa branca, mangas curtas tipo bata, com botões	<i>Dolmã</i> ⁷ branco, mangas compridas	Camiseta vermelha mangas curtas e colete preto com zíper;	Camisa branca aberta, mangas ¾, sem bolso
Calça preta	Calça branca	Calça branca	Calça preta	Calça preta	Calça preta
Touca descartável	Gorro branco	Gorro branco	Gorro preto	Touca descartável, quando necessário	Gorro amarelo ou verde ou vermelho e gravata vermelha
Botas preta cano curto em couro	Botas branca cano longo em borracha	Botas branca cano longo em borracha	Botas preta cano curto em couro	Botas preta cano curto em couro	Botas branca cano longo em borracha
	Avental preto ou branco emborrachado quando necessário	Avental preto	Avental preto		Avental amarelo ou verde ou vermelho

Fonte: Elaborado pela autora

Observa-se que a maioria das calças possuem um cordão de amarrar para sustentação das mesmas, motivo de insatisfação de alguns/mas funcionários/as, e ainda, a presença de bolsos em alguns modelos de uniformes (Apêndice D). Neto (2005), recomenda que o uniforme dos manipuladores de alimentos seja isento de bolsos, na intenção de evitar que objetos sejam carregados no interior dos mesmos, prevenindo uma contaminação em contato com alimentos e também facilitar a limpeza.

Apesar do grupo de entrevistados/as terem sido escolhidos/as de acordo com a disponibilidade de cada um/uma, houve o critério de selecionar pelo menos uma pessoa que representasse determinada função, visto que os uniformes são diferenciados. Vale ressaltar que todas as peças dos uniformes possuem a marca da empresa terceirizada que administra o restaurante universitário.

Diante das informações obtidas, de início, pretendeu-se verificar o entendimento do conceito de uniforme pelos trabalhadores/as, demonstradas no Quadro 3.

Quadro 3 – Significado de uniforme para os/as entrevistados/as

Para você, o que é uniforme?	Número de respostas
Roupa padrão do funcionário, que representa a empresa	11
Roupa usada no trabalho para ter uma boa apresentação e ficar mais organizado	4
Vestuário ou farda que justifica que a pessoa está trabalhando, para não usar a roupa normal	4
Um tipo de EPI	3
É a janelas, a aparência da empresa	1

Fonte: Elaborado pela autora

A compreensão do significado de uniforme pelos/as trabalhadores enfatiza o forte vínculo com o estabelecimento e o trabalho rotineiro. Também, relacionam seus trajes com o trabalho que conquistaram, se comportando conforme os padrões exigidos, assumindo dentro do ambiente uma espécie de personagem.

Na visão de Farias (2012), o uniforme interfere no modo comportamental de quem o utiliza. Um personagem é incorporado pelos/as profissionais ao vestir tal roupa, atuando de acordo com as perspectivas gerais no envolvimento organizacional. Com isso, o lado pessoal é substituído pelo profissional, onde se tornam irreconhecíveis na ausência do uniforme; como podemos observar na fala de uma das entrevistadas.

Quando trocamos de roupa e saímos do restaurante, as pessoas não reconhecem a gente (Baunilha, 39 anos).

Ainda de acordo com Farias (2012) quando não se adota uma roupa de trabalho, há uma desigualdade estética do vestuário, pois a interrupção na uniformidade coloca em oposição os usuários que podem se apresentar no trabalho mais bem arrumados e os que não tem escolha, senão usar suas roupas humildes, demonstrando assim os padrões e perspectivas que o uniforme absorve.

Em relação ao tempo que o/a funcionário/a permanece uniformizado/a durante o dia, observou-se que a maioria fica pelo menos 10 horas vestido/a com sua roupa de trabalho, como indica o Quadro 4. E essa quantidade de horas é equivalente ao tempo trabalhado durante o dia e seus intervalos.

Quadro 4 – Tempo diário que o/a funcionário/a fica uniformizado/a

Quanto tempo você passa uniformizado?	Número de respostas
10 horas	12
8 horas	8
9 horas	2
12 horas	1

Fonte: Elaborado pela autora

Ademais, os/as funcionários/as foram questionados/as sobre a troca de uniforme ao longo do dia, os relatos foram diferenciados, como é possível observar no Quadro 5.

Quadro 5 – Troca de uniforme ao longo do dia

Você troca o uniforme mais de uma vez por dia?	Número de respostas
Não	14
Às vezes	6
Sim	3

Fonte: Elaborado pela autora

Não, porque eu gosto de tomar banho, mas não dá tempo (Pimenta, 28 anos).

Às vezes, dependendo do cardápio, porque tem comida que tem molho, daí na hora de fazer suja muito a roupa. Como eu trago sempre uma reserva, então eu troco, mas não é todo dia que dá tempo (Louro, 35).

Às vezes, quando tô menstruada sempre troco (Rúcula, 47 anos).

Sim, depois do almoço eu troco, porque como eu trabalho no salão no meio das pessoas, meu uniforme tem que tá limpo, tenho que tá bem apresentado (Tomilho, 57 anos).

Os relatos dos/as profissionais evidenciaram que a falta de tempo é o provável empecilho para que não haja a troca de uniforme durante o dia, e que este tempo depende das atividades de cada um/uma. No entanto, o fator tempo se torna mais desfavorável no caso das mulheres, pois devido aos períodos de menstruação dependem desse momento para sua higiene pessoal e possível troca de roupa.

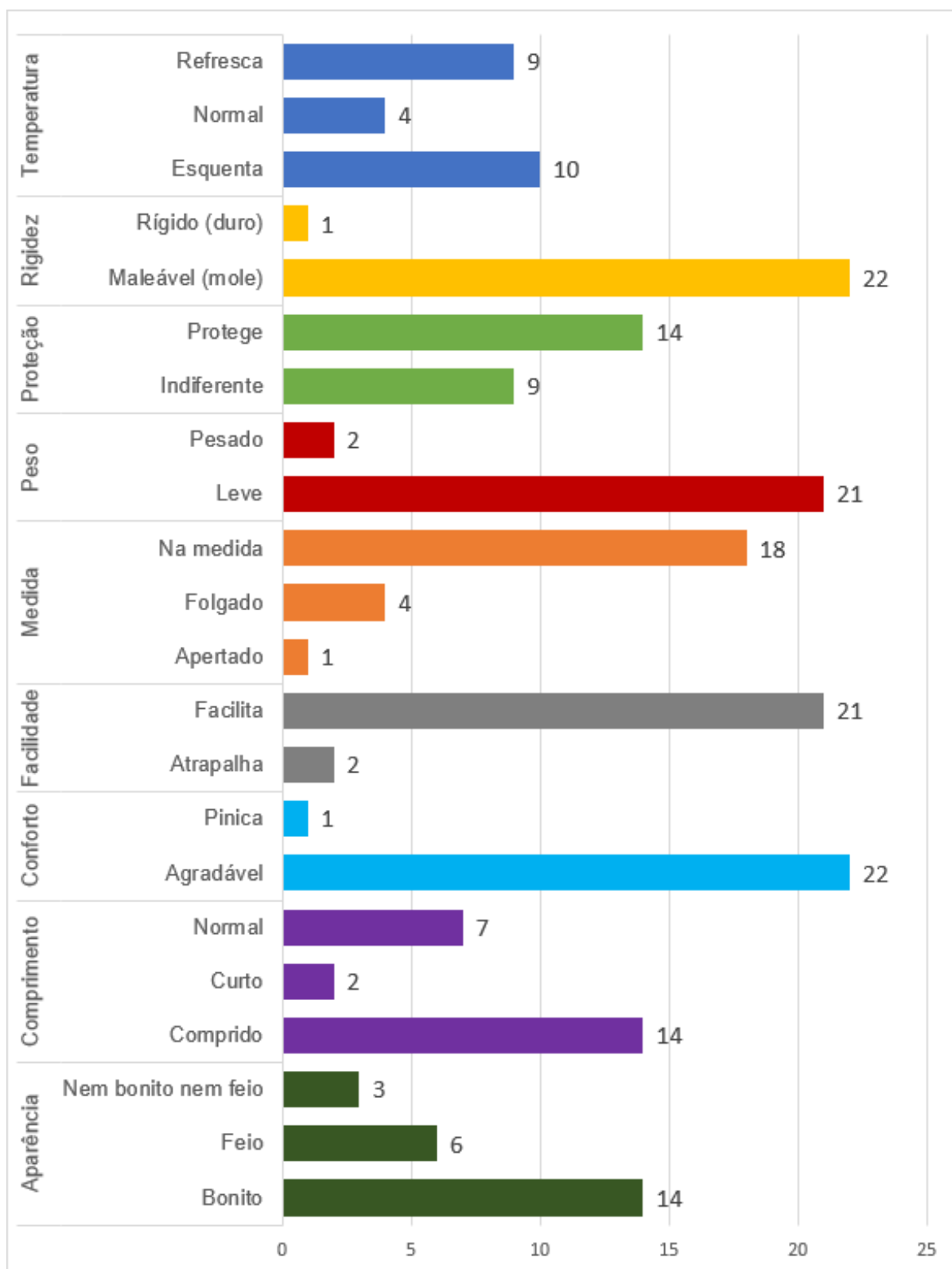
Contudo, foi afirmado que as roupas são trocadas diariamente, a lavagem e passadoria é responsabilidade de cada funcionário/a conforme instruções da administração. E ainda, a empresa que administra o restaurante fornece uma uniformização nova a cada seis meses ou quando houver algum dano ou avaria na roupa atual.

Ainda procurou-se saber as sensações que o uso do uniforme lhes despertava durante realização de suas atividades. As respostas positivas foram unânimes, variando entre confortável, protegido/a, seguro/a, tranquilo/a, normal, ótimo/a e bem. A partir deste entendimento, foi solicitado que os/as profissionais descrevessem suas roupas de trabalho por meio de características pré-definidas (Gráfico 1), conforme elementos descritores de outros trabalhos, como “Narrativas sensoriais têxteis: por uma percepção de consumo mais humanizada” (BARROS, 2013), que busca analisar como os materiais têxteis utilizados no dia a dia podem ser avaliados pelo método da análise sensorial e “O Conforto no vestuário: uma interpretação da ergonomia” (MARTINS, 2005) que propõe desenvolver uma metodologia para a avaliação do conforto e de usabilidade do vestuário.

As afirmações relatadas propõem um certo grau de satisfação dos/as usuários/as referentes às suas roupas profissionais, confirmando as respostas satisfatórias em relação às sensações que o uniforme desperta. Essa satisfação é predominante para a maioria dos/as entrevistados/as, quando se trata das características sensoriais e físicas do uniforme.

Entretanto, é válido ressaltar que itens como a temperatura são influenciadas pelo tipo de atividade desempenhada por cada profissional. No que se refere à relação tamanho/numeração e comprimento, pondera-se que é um mesmo tamanho/forma para diferentes tipos de corpos, ou seja, há pessoas que utilizam a mesma numeração, no entanto o formato do corpo e a altura são diferentes. Pode-se perceber ainda que uma das pessoas entrevistadas não está satisfeita com o seu uniforme, pois em todos os atributos que remetem a desconforto ou inadequação foram marcados, notoriamente perceptível nos descritores “pinica” e “rígido”.

Figura 2 – Descrição do uniforme laboral conforme respostas dos entrevistados/as



Fonte: Elaborado pela autora

Em relação aos EPIs, a maioria dos/as funcionários/as consideraram-nos como

importantes e necessários para promover proteção e segurança, adequados a cada atividade laboral. Também, afirmaram receber instruções com frequência sobre a utilização adequada dos mesmos. Entretanto, se identificou uma certa rejeição ao uso dos equipamentos por alguns funcionários.

Hum. . . eu sou um dos funcionários que mais oferece resistência a usar EPI, eu acho que atrapalha na minha opinião, que não é viável, porém tem pessoas que não tem prática e que realmente precisa usar, mas eu já tenho prática, não vejo necessidade. Luvas de aço, eu não gosto não, eu acho que atrapalha, porque tem umas que são grandes, tem umas que são na medida, quando você dá sorte de chegar primeiro e pegar o seu tamanho tudo bem, quando pega um tamanho maior fica sobrando na mão, aí atrapalha o serviço. Eu não gosto de usar nenhuma na verdade, porque assim, eu já tenho prática sabe (Pimenta, 28 anos).

É necessário, a gente não quer usar certo, mas é necessário (Sálvia, 40 anos).

Importante, primeiramente a segurança. Porque protege, pra não desgastar a digital por exemplo. Antes eu trabalhava na lavagem das painéis e não gostava de usar luvas, mas depois eu vi que os produtos que são usados na limpeza tava desgastando minhas mãos e eu tava perdendo minhas digitais (Tomilho, 57 anos).

Apesar dos/as funcionários/as saberem da importância do uso dos Equipamentos de Proteção Individual, observa-se uma certa resistência e um desconforto quanto à utilização dos mesmos. Com isso, é válido refletir sobre a possível ausência de conforto nesses produtos.

De acordo com Camisassa (2015), a Portaria SIT - Secretaria de Inspeção do Trabalho (n.º 194/2010) dispõe de uma alteração, onde os/as trabalhadores/as que fazem uso de EPI devem ser ouvidos/as e tem a chance de opinar sobre a confortabilidade ou algum tipo de dificuldade que possa existir durante a utilização do equipamento. Isso se justifica devido ao desconforto e algumas limitações de movimento que alguns EPIs podem causar, ao invés de protegê-los. Deste modo, parece haver a necessidade de repensar sobre alguns EPIs utilizados no local estudado.

Os/as participantes relataram nunca ter apresentado alergia a nenhum tipo de tecido. Também, não há participação na escolha das roupas de trabalho, referente à cor, modelo, tecido entre outros, de acordo com as informações repassadas.

Não; eles já trazem pronto, só perguntam o tamanho (Gergelim, 35 anos).

Não, só tamanho. Às vezes o meu tamanho vem muito largo, então eu aperto em casa, porque a empresa faz os ajustes, mas demora muito pra entregar e como eu preciso usar logo eu ajeito (Acelga, 33 anos).

Em relação à escolha do uniforme, é válido refletir que, segundo Lurie (1997) o vestuário laboral é uma forma extrema da roupa convencional, sendo imposto por outra pessoa e independente do tipo de traje utilizado, o direito de agir individualmente é

totalmente tolhido (LURIE, 1997). Ou seja, não há participação das pessoas na escolha da sua roupa de trabalho, o/a profissional deverá usá-la da maneira que lhe é entregue.

Quando questionados/as sobre a representabilidade da imagem da empresa em seus uniformes, a resposta dos/as entrevistados/os foi unânime, todos/as relataram que sim, relacionando esta imagem à higiene, organização e à logomarca.

Sim, representa muito. Eles estão sempre prezando pela imagem da empresa, cobrando que a roupa esteja limpa, organizada. Há muita cobrança de higiene aqui (Endro, 58 anos).

Com certeza, o uniforme tem que ter a marca da empresa. Eu tenho um gorro que não tem a marca e quando eu uso eles reclamam, pedem para eu trocar (Pimenta, 28 anos).

A farda da empresa é bonita, representa sim (Sálvia, 40 anos).

Para El Sarraf (2004), a utilização do uniforme caracteriza a imagem que a empresa almeja transmitir ao seu público alvo. Significando também, segurança, organização e modernidade, aumentando a autoestima do/a funcionário/a, que se sentirá mais valorizado e motivado para produzir mais e melhor.

Por fim, referente ao item que questiona a melhoria na roupa de trabalho, a maioria, que corresponde a 16 funcionários/as afirmaram estar satisfeitos/as e não precisar mudar nada. Entretanto, 7 funcionários/as sugeriram algumas mudanças em seus uniformes.

Sim, eu gostaria que trocasse esse cordão que sustenta a calça, porque fica soltando e a calça caindo. Eles deviam colocar botão... ou aquele outro negócio que fecha, como é o nome? Acho que é zíper ou então um elástico. Outro dia desamarrou bem na hora que eu tava com as mãos ocupadas preparando o alimento, quase que minha calça caía (Endro, 58 anos).

Sim, mudar as botas e tirar essa gravata que incomoda, deixa o uniforme mais bonito, mas fica incomodando o pescoço da gente (Malva, 42 anos).

Sim, acho que deveria ser outro tipo de bota que não esquentasse tanto, como aquelas botas de couro sabe, porque não tem necessidade dessa aqui, porque a gente não trabalha com limpeza, é só no atendimento (Bauuilha, 39 anos).

Eu preferia que o avental cobrisse toda a parte de baixo do uniforme, porque a calça é branca e quando a gente tá menstruada que suja, todo mundo vê (Cúrcuma, 47 anos).

Não, só em relação ao avental que eu acho que tem que ser antichamas (Pimenta, 28 anos).

Sim, no tecido, pois há queixas entre os funcionários (Páprica, 58 anos).

Neste sentido, como contribuição para um melhor conforto do/a trabalhador/a, sugere-se que sejam feitas algumas modificações nos uniformes, como a troca do cordão das calças por elásticos, o tipo de bota específica a cada função, aventais e luvas individuais proporcionais às atividades entre outros. Ou seja, propõe-se que

haja uma maior conversação entre representantes da empresa administradora do restaurante universitário e funcionários/as, com o objetivo de otimização do vestuário laboral, no propósito de promover um melhor conforto, bem-estar e satisfação destes/as profissionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação dos/as trabalhadores/as do Restaurante Universitário foi o ponto de partida da pesquisa, e possibilitou verificar a variedade de atividades desenvolvidas no ambiente interno, bem como o contato que possuem com diferentes utensílios e equipamentos, com diferentes temperaturas. São atividades que exigem grande mobilidade física para o seu desempenho.

Diante dos resultados, pode-se perceber que apesar de serem identificados alguns pequenos entraves quanto ao vestuário laboral, por serem padrões utilizados por pessoas de diferentes biotipos, altura, peso, idade e diferentes funções, as características positivas prevaleceram na opinião dos/as entrevistados/as.

No que tange a representabilidade do uniforme, percebeu-se uma forte vinculação com os requisitos que a empresa determina para o seu funcionamento, ou seja, elementos como a higiene, a organização, a boa imagem. Nessa perspectiva, esses requisitos são incorporados e refletidos na forma de agir do/a funcionário/a.

É válido considerar ainda, em relação à formação da pesquisadora, com conhecimento que o curso proporciona, que permeia em vários âmbitos do saber, o/a profissional em Economia Doméstica pode contribuir com orientações no intuito de investigar alternativas para que soluções sejam pensadas para sanar incômodos nas roupas de trabalho relatados por uma parte dos/as funcionários/as.

No caso da presente pesquisa, as alternativas podem ser: a troca do cordão que sustenta a calça por um item que possibilitasse a mesma função, como o elástico; troca da gravata por outro item decorativo, que não incomode o/a usuário/a; a adoção de botas de segurança, ao invés de galochas, para as áreas de menor exposição à água; além da aquisição de mais luvas de aço com variados tamanhos, que o seu uso seja exclusivo de cada profissional que a utilize, para melhor adaptação aos diversos tamanhos das mãos que as utilizam; e ainda, aquisição de aventais antichamas para todos/as os/as profissionais que possam ter contato equipamentos que propaguem fogo.

Portanto, é válido considerar ainda que, o/a profissional em Economia Doméstica pode contribuir para o planejamento e proposições de melhorias no uniforme laboral, no intuito de promover conforto, bem-estar e satisfação, de modo a incidir positivamente no rendimento do trabalho e na qualidade de vida dos/as colaboradores/as de uma empresa, por meio do vestuário.

Esse estudo deixa abertura para que novos trabalhos sejam desenvolvidos, pois é um tema que aponta outros desdobramentos, como pesquisas de mestrado, que abordem a ergonomia na relação de uso do uniforme e do tipo de tecido com a

execução da atividade, por métodos objetivos; bem como a disseminação das reflexões suscitadas por este trabalho, por meio de outras publicações, como resumos em eventos acadêmicos ou cartilhas. Além disso, a feitura de tal pesquisa, dá condições para a possibilidade de fornecer subsídios para pessoas que empreendem com a produção de uniformes, para que estes atendam às necessidades de seus/suas usuários/as.

REFERÊNCIAS

ABIT. Cedro Workwear apresenta tecido profissional com maior flexibilidade. 2017. Disponível em: <<http://www.abit.org.br/noticias/cedro-workwear-apresenta-tecido-profissional-com-maior-flexibilidade>>. Acesso em: 07/08/2018.

ALENCAR, Camila Osugi Cavalcanti de. *Aplicabilidade do grupo focal para a avaliação do conforto em pesquisas de usabilidade em Moda*. 2014. 222 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda) — Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100133/tde-03072014-110844/publico/camila.pdf>>. Acesso em: 07/07/2018.

ANVISA. Resolução RDC Nº 216. 2004. Disponível em: <<http://portal.anvisa.gov.br/documents/33916/388704/RESOLU%C3%87%C3%83O-RDC+N+216+DE+15+DE+SETEMBRO+DE+2004.pdf/23701496-925d-4d4d-99aa-9d479b316c4b>>. Acesso em: 10/06/2018.

BARROS, Aline Roberta Lima de Melo. *Narrativas sensoriais têxteis: por uma percepção de consumo mais humanizada*. 2013. Monografia (Graduação em Economia Doméstica) — Universidade Federal Rural de Pernambuco.

BENEMANN, Nicole Weber. *Histórias de cozinha: uma etnografia gastronômica*. 2017. 96 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/gepac/arquivos/dissertacoes/nicole_benemann.pdf>. Acesso em: 14/08/2018.

CAMISASSA, Mara Queiroga. *Segurança e saúde no trabalho: Nrs 1 a 36 comentadas e descomplicadas*. São Paulo: Método, 2015. Disponível em: <<http://www.norminha.net.br/Normas/Arquivos/NR-1-36Comentadaedescomplicada.pdf.pdf>>. Acesso em: 18/07/18.

CARVALHO, Agda. Corpo/vestir: uma experiência. In: _____. *PIRES, Beatriz Ferreira, et al. Moda, vestimenta, corpo*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

DANIEL, Maria Helena. *Guia prático dos tecidos*. Osasco: Novo Século, 2011.

ECO, Humberto. O hábito fala pelo monge. In: _____. *ECO, Humberto et al. Psicologia do vestir*. Lisboa: Cooperativa Editora e Livreira, 1989.

EL-SARRAF, Robert Assaad. *Aspectos ergonômicos em uniformes de trabalho*. 2004. 149 p. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Engenharia) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5666>>. Acesso em: 07/11/2017.

FARIAS, Rita de Cássia. *Uniforme e trabalho no Vale do Aço: discursos, práticas e significados simbólicos*. Viçosa, MG: Ed. FGV, 2012.

FLÜGEL, John-Carl. *A Psicologia das Roupas*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1966.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas da pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

- HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- IIDA, Itiro. *Ergonomia: Projeto e produção*. 2ª. ed. São Paulo: Edgar Blucher, 2005.
- LURIE, Alison. *A linguagem das roupas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MARQUES, Maria Aparecida Resende. *Análise e percepção do processo de higienização de roupas profissionais em indústrias alimentícias*. 2006. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica) — Universidade Federal de Viçosa.
- MARTINS, Suzana Barreto. *O conforto no vestuário: uma interpretação da ergonomia : metodologia para avaliação de usabilidade e conforto no vestuário*. 2005. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) — Universidade Federal de Santa Catarina.
- MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.); DESLANDES, Suely Ferreira.; GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MORAES, Giovanni Araújo. *Normas Regulamentadoras Comentadas*. 6ª. ed. Rio de Janeiro: GVC, 2007.
- NASCIMENTO NETO, Fenelon do. *Roteiro para elaboração de manual de boas práticas de fabricação (BFP) em restaurantes*. São Paulo: Editora Senac, 2005.
- PEZZOLO, Dinah Bueno. *Tecidos: história, tramas, tipos e usos*. São Paulo: Editora Senac, 2007.
- POPOLIM, Welliton Donizeti. Aplicação da segurança alimentar em Unidades de Alimentação e Nutrição (UAN) e Unidades Produtoras de Refeições (UPR), sob a égide do controle higiênico-sanitário. *Nutrição Profissional*, São Paulo, v. 2, n. 7, p. 39 – 43, 2006.
- PROENÇA, Rossana Pacheco da Costa. Inovações tecnológicas na produção de refeições: conceitos e aplicações básicas. Insular, Florianópolis, 1999. Disponível em: <<http://nuppre.ufsc.br/files/2014/04/Proen~A\T1\textsectiona-Higiene-Alimentar-1999.pdf>>.
- SIMILI, Ivana Guilherme.; VACCARI, Alessandra. Acessórios viris e patrióticos: os soldados e as mulheres na Segunda Guerra Mundial. In: _____. *Histórias do vestir masculino: narrativas de moda, beleza elegância*. Maringá: Eduem, 2017.
- SLATER, K.. The Assessment of Comfort. *Journal Textile Institute*, v. 77, n. 3, p. 157 – 171, 1986.
- TEICHMANN, Ione. *Tecnologia culinária*. Caxias do Sul/RS: EDUCS, 2000.
- THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. *PMKT - Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia*, n. 3, p. 20 – 27, Set 2009. ISSN 1983-9456. Disponível em: <http://www.revistapmkt.com.br/Portals/9/Edicoes/Revista_PMKT_003.pdf>. Acesso em: 27/07/2018.

UDALE, Jenny. *Fundamentos de design de moda: tecidos e moda*. Porto Alegre: Bookman, 2009.

UFRPE. *Economia Doméstica*. Recife, 2018. Sítio da instituição. Disponível em: <<http://www.ufrpe.br/br/content/economia-doméstica>>. Acesso em: 10/06/2018.

UFRPE, PROGESTI. *Restaurante*. Recife, 2018. Sítio da instituição. Disponível em: <<http://www.progesti.ufrpe.br/br/restaurante/o-restaurante>>. Acesso em: 20/05/2018.

APÊNDICE A – SOLICITAÇÃO DE ACESSO



Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Ciências Domésticas
Curso de Bacharelado em Economia Doméstica

Solicitação de Acesso

Eu, Irma Vieira de Sousa Nóbrega, sou estudante do Curso de Bacharelado em Economia Doméstica (UFRPE), e estou desenvolvendo um estudo sobre uniformes laborais, sob a orientação da profa. Jaqueline Ferreira H. de Melo, lotada no depto de Ciências Domésticas.

Sabendo da seriedade e da qualidade desta unidade de alimentação e nutrição em oferecer bons serviços dos quais já usufruo como cliente, venho por meio desta, solicitar autorização para realizar entrevista com os funcionários deste estabelecimento, em horários que não comprometam suas funções diárias. Ainda, solicito informações sobre o restaurante e os uniformes utilizados por seus funcionários para complementação da pesquisa.

Recife, 06/06/2018.

Atenciosamente,

Pesquisadora: Irma Vieira de Sousa Nóbrega

Matrícula: _____

Orientadora: Jaqueline Ferreira Holanda de Melo

Departamento de Ciências Domésticas/UFRPE

AUTORIZAÇÃO

Funcionária (o) Responsável: Renata Araújo M.S. Andrade

Cargo: Economista Doméstica

CPF: _____

Autoriza acesso da estudante a pesquisa.

Local e Data: Recife, 06 de Junho de 2018

Assinatura: Renata Araújo Milanez S. Andrade

Renata Araújo Milanez S. Andrade
Economista Doméstica
SIAPE 2066408

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos V.Sa. à participar de uma pesquisa sobre os uniformes utilizados no ambiente de trabalho, no caso o Restaurante Universitário, sob responsabilidade da pesquisadora e graduanda Irma Vieira de Sousa Nóbrega, orientada pela Profª Jaqueline Ferreira Holanda de Melo, do Departamento de Ciências Domésticas da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Esclarecemos que manteremos em anonimato, sob sigilo absoluto, durante e após o término do estudo, todos os dados que identifiquem o sujeito da pesquisa usando apenas, para divulgação, os dados essenciais ao desenvolvimento do estudo. Informamos também que após o término da pesquisa, serão destruídos todo e qualquer tipo de mídia que possa vir a identificá-lo, tais como filmagens, fotos, gravações, etc., não restando nada que venha a comprometer o anonimato de sua participação agora ou futuramente.

O (A) senhor (a) terá os seguintes direitos: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta sobre a pesquisa; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo. Nos casos de dúvidas e esclarecimentos o (a) senhor (a) deve procurar a pesquisadora Irma Vieira de Sousa Nóbrega, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Ciências Domésticas, Av. Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos, Recife ou pelos seguintes contatos: (81) 3320-6535 irmavsn@hotmail.com.

Consentimento Livre e Esclarecido.

Eu, _____ após ter recebido todos os esclarecimentos e sabendo dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida (exceto dados pessoais), em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente à pesquisadora, em duas vias iguais, ficando uma via sob meu poder e outra em poder da (s) pesquisador (as).

Recife, ____ de _____ de _____

Assinatura do/a participante

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA

Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Ciências Domésticas
Curso de Bacharelado em Economia Doméstica

Roteiro de entrevista estruturada

1ª parte: Dados objetivos

Nome: _____

Idade: _____ Altura: _____

Peso: _____ Sexo: () feminino () masculino

2ª Parte: Dados subjetivos

Questionário

1. Para você, o que é o uniforme?
2. Quanto tempo você passa uniformizado?
3. Você troca o uniforme mais de uma vez por dia?
4. Como você se sente realizando a sua atividade com este uniforme?
5. Se você pudesse descrever seu uniforme, como você descreveria?
 - esquentado () / refresca ()
 - protege () / indiferente ()
 - pinica () / agradável ()
 - apertado () / folgado () / na medida ()
 - leve () / pesado ()
 - comprido () / curto ()
 - maleável (mole) () / rígido (duro) ()
 - facilita () / atrapalha ()
 - bonito () / feio ()
 - outro(s): _____
6. O que você acha do EPI?
7. Como você recebe as informações sobre o uso do EPI?
8. Você já teve alergia a algum tecido?
9. Você participa da escolha dos uniformes, referente à cor, modelo, tecido entre outros?
10. Você acha que o seu uniforme representa a imagem da empresa?
11. Você sugere alguma melhoria na sua roupa de trabalho?

APÊNDICE D – UNIFORMES POR FUNÇÃO



Cozinheiro auxiliar com avental



Cozinheiro auxiliar



Oficial de cozinha



Oficial de cozinha com avental



Auxiliar de serviços gerais



Chef de cozinha



Nutricionista



Recepcionista



Oficial de cozinha



Recepcionista